

portância que superou de muito a quatro mil contos de réis.

Mostrando melancólico sorriso, o visitante espiritual compreendeu, então, que a Bondade de Deus não falhara.

Ele apenas não soubera esperar...

HILARIO SILVA

*Esperança — doce alento  
De quem serve, ama e confia,  
Escora no sofrimento,  
Pão nosso de cada dia.*

OSCAR BATISTA

\*  
*Se sofres dores crescentes,  
Não esmoreças na estrada.  
Quando chegá a meia-noite,  
E' hora da madrugada.*

LAURO PINHEIRO

\*  
*Dianete da noite, não acuse as trevas. Aprenda a fazer lume.*

ANDRE\* LUIZ



13  
Da humildade

O BURRO DE CARGA

No tempo em que não havia automóveis, na cocheira de famoso palácio real um burro de carga curtia imensa amargura, em vista das pilhérias e remoques dos companheiros de apartamento.

Reparando-lhe o pelo maltratado, as fundas cicatrizes do lombo e a cabeça tristonha e humilde, aproximou-se formoso cavalo árabe, que se fizera detentor de muitos prêmios, e disse, orgulhoso:

— Triste sina a que recebeste! Não invejas minha posição nas corridas? Sou acariciado por mãos de princesas e elogiado pela palavra dos reis!

— Pudera! — exclamou um potro de fina origem inglesa — como conseguirá um burro entender o brilho das apostas e o gosto da caça?

O infortunado animal recebia os sarcasmos, resignadamente.

Outro soberbo cavalo, de procedência húngara, entrou no assunto e comentou:

— Há dez anos, quando me ausentei de pastagem vizinha, vi este miserável sofrendo rudemente nas mãos de bruto amansador. E' tão covarde que

não chegava a reagir, nem mesmo com um coice. Não nasceu senão para carga e pancadas. E' vergonhoso suportar-lhe a companhia.

Nisto, admirável jumento espanhol acerrou-se do grupo, e acentuou sem piedade:

— Lastimo reconhecer neste burro um parente próximo. E' animal desonrado, fraco, inútil... Não sabe viver senão sob pesadas disciplinas. Ignora o aprumo da dignidade pessoal e desconhece o amor próprio. Aceito os deveres que me competem até o justo limite; mas, se me constrangem a ultrapassar as obrigações, recuso-me à obediência, pinoteio e sou capaz de matar.

As observações insultuosas não haviam terminado, quando o rei penetrou o recinto, em companhia do chefe das cavalariaças.

— Preciso de um animal para serviço de grande responsabilidade — informou o monarca —, animal dócil e educado, que mereça absoluta confiança.

O empregado perguntou:

— Não prefere o árabe, Majestade?

— Não, não — falou o soberano —, é muito alvito e só serve para corridas em festejos oficiais sem maior importância.

— Não quer o potro inglês?

— De modo algum. E' muito irrequieto e não vai além das extravagâncias da caça.

— Não deseja o húngaro?

— Não, não. E' bravio, sem qualquer educação. E' apenas um pastor de rebanho.

— O jumento serviria? — insistiu o servidor atencioso.

— De maneira nenhuma. E' manhoso e não merece confiança.

Decorridos alguns instantes de silêncio, o soberano indagou:

— Onde está o meu burro de carga?  
O chefe das cocheiras indicou-o, entre os demais.  
O próprio rei puxou-o carinhosamente para fora, mandou ajaezá-lo com as armas resplandecentes de sua Casa e confiou-lhe o filho, ainda crianga, para longa viagem.

Assim também acontece na vida. Em todas as ocasiões, temos sempre grande número de amigos, de conhecidos e companheiros, mas somente nos prestam serviços de utilidade real aqueles que já aprenderam a suportar, servir e sofrer, sem cogitar de si mesmos.

NEIO LUCIO

\*

*Abriga-te na humildade,  
Não busques mundana estima.  
O ouro afunda no mar,  
A palha fica por cima.*

REGUEIRA COSTA

\*

*Nunca vejas no vizinho  
Defeitos, fraquezas, taras...  
A ostra mora no lodo  
Criando pérolas raras.*

SABINO BATISTA

\*

*Quem não deseja suportar, é incapaz de servir.*

ANDRE' LUIZ